

A AUSÊNCIA DO PRESENTE, A PRESENÇA DO PASSADO: MEMÓRIA, IDENTIDADE E ETNOGRAFIA NOS ENSINAMENTOS DE NEUSA ROLITA CAVEDON

Luciano Mendes¹

INTRODUÇÃO

É fato que os três termos que serão tratados nesse ensaio (memória, identidade e etnografia) transcendem a perspectiva ortodoxa e funcionalista da área de administração. É fato também que esses três termos serão trabalhados de forma conjunta e na perspectiva da antropologia e da sociologia. Assim como é fato que o percurso acadêmico da Neusa Cavedon também transcende essa ortodoxia e está totalmente articulado com a área de antropologia. Com formação na área de administração, a Neusa foi buscar na antropologia subsídios para sua transgressão acadêmica, não de sentido de uma crítica a sua área de formação, mas de ampliação nos métodos, técnicas e teorias que pudessem contribuir para a compreensão dos fenômenos organizacionais. A filiação à antropologia permitiu à Neusa a transgressão

¹ Doutora em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor Associado da Universidade de São Paulo. <http://lattes.cnpq.br/2201778304440983>. <https://orcid.org/0000-0003-2732-7161>. mendes@usp.br. Endereço para correspondência Universidade de São Paulo, Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", Departamento de Economia, Administração e Sociologia, Avenida Pádua Dias, 11, Caixa Postal 9, Piracicaba, SP, Brasil. CEP: 13418900. Telefone: (55 19) 34294444.

da visão funcionalista da cultura organizacional, que sempre dominou os estudos da área.

Essa visão funcionalista da cultura organizacional, apesar de bem conhecida pela Neusa, foi constatada nos trabalhos de Martin e Frost (1996). Esses autores, ao estudarem as perspectivas que dominam as pesquisas sobre cultura organizacional, identificaram, numa análise longitudinal, a existente de três correntes teóricas da cultura organizacional: integração, diferenciação e fragmentação. Dentre essas três perspectivas, apesar da luta intelectual que se estabeleceu entre elas, ainda a dominação é da corrente da integração, que observa a cultura organizacional como um elemento estrutural-funcionalista capaz de integrar e gerar uma “cola” entre os participantes da organização. É visível que dentre essas correntes, os estudos desenvolvidos pela Neusa estejam integrados mais à perspectiva da fragmentação do que à da integração, pois os indivíduos, ao integrarem as organizações não desistem de seus valores, pressupostos etc., para se apropriarem dos valores, pressupostos etc., da organização.

E ao ter os meus primeiros contatos com a Neusa, quando fui fazer meu doutorado em administração na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e quando fui seu aluno na disciplina de “Antropologia para administração”, essa transgressão, ou melhor, esse seu deslocamento em relação ao *mainstream* da área de administração, foi ficando claro para mim. Eu não via na Neusa, muito menos nos textos que ela utilizava na disciplina, a sustentação desse discurso estrutural-funcionalista que dominava os estudos em administração. A minha transgressão em relação à perspectiva dominante nos estudos em Administração já tinha ocorrido durante a execução do meu mestrado. Quando fui fazer a disciplina da Neusa foi que ficou claro para mim que eu deveria ser orientado por ela no doutorado. Ali percebi que havia possibilidade de eu continuar essa transgressão, mesmo que por outras vias e perspectivas, dentro da área de estudos em administração.

Aqui vou fazer um parêntese. Esses parágrafos em primeira pessoa são importantes para o que será trabalhado nesse ensaio. Se eu já começo a minha vida acadêmica transgredindo, ultrapassando, a fronteira do usual na área de administração, não é aqui que estarei cerceado, limitado, às regras do trabalho científico. Essas regras já são muito bem conhecidas por mim e por isso me dou o direito deixar claro que, apesar de eu seguir essas regras durante a escrita desse ensaio, em alguns momentos vou transgredi-las, para mostrar os “bastidores” daquilo que não é explicitado, contado, exposto, num trabalho científico. Ora, seria quase um contrassenso ter uma trajetória acadêmica que visou sair ou ir além do *mainstream* da área de administração e excluir desse percurso os elementos enriquecedores dessa trajetória.

Foi na terceira aula que tive com a Neusa que eu solicitei para ser seu orientado. Vi na disciplina e na forma de condução dada pela Neusa que eu tinha muito a aprender, pois as discussões antropológicas e culturais tinham passado de forma tangencial na minha vida acadêmica. As leituras dos primeiros textos da disciplina tinham aberto para mim um novo horizonte de discussões na área de administração. E eu fui passando por diversas desconstruções durante a disciplina, até porque grande parte dos textos lidos na disciplina foi escrito por antropólogos. Desconstruções nas leituras dos textos, desconstruções na forma de execução de uma pesquisa científica, desconstruções na forma de entender a cultura e a cultura organizacional.

E é sobre essas desconstruções que esse texto trata, mas de uma forma construtiva e reflexiva, pois a memória e a identidade, no âmbito dos estudos etnográficos, tornaram-se reflexivas para mim após a conclusão do doutorado. Isso porque as diversas técnicas de pesquisa utilizadas no trabalho etnográfico, como diário de campo, entrevistas, história oral, observação participante etc., em sua base estão atreladas à memória e à identidade, tanto do etnógrafo quanto dos indivíduos pertencentes ao grupo em estudo. Devo muito à Neusa por estimular, de forma totalmente indireta, a

essa reflexão. Por isso, não seria justo se eu não tributasse essa reflexão justamente num texto que visa manter viva sua presença nos estudos da área de administração.

Foi a partir da memória e identidade que os estudos etnográficos me permitiram compreender a ausência do presente, pois por mais que estejamos vivendo o agora e o momento presente, em grande parte ele não nos é reflexivo, ele não nos toma por inteiro em nossa consciência, pois nós só vamos conseguir entender os elementos do aqui e agora embriagados pelos elementos do passado. A presença do passado se tornou muito forte para mim, pois eram sempre a partir das histórias contadas, das reflexões passadas, dos acontecimentos do ontem e dos anos passados, que se constituíam e geravam significação ao que estava sendo feito, falado, organizado etc., no momento presente. Por esse motivo, diante dos trabalhos etnográficos feitos por mim, a presença do passado dava margem a ausência do presente, pois todas as vezes em que uma ação presente era levada à reflexão, era o passado que dominava a cena.

Com isso, ficou claro para mim que nos estudos sobre cultura e cultura organizacional, memória e identidade, apesar da ausência desse dois conceitos, eram presentes. Hoje consigo entender que seria impossível a existência da cultura e da cultura organizacional se não houvesse a memória, assim como as identidades individuais, sociais, culturais, organizacionais etc., também não existiriam sem a memória. E o interessante disso tudo é que, apesar desses termos subsidiarem a existência de vários trabalhos etnográficos, ainda são pouco explorados, talvez porque já são naturalizados e dados no âmbito da sociedade moderna. Como forma de homenagear e dar destaque à importância da Neusa na minha vida acadêmica, durante a escrita desse ensaio eu tentarei integrar esses conceitos de memória, identidade e etnografia, evidenciando as reflexões que tive após meu doutoramento. Dito isso e feita essa contextualização, o objetivo nesse ensaio será o de explorar e articular os conceitos de memória, identidade e etnografia, como forma de elucidar as contribuições que esse articulação possui para os estudos em administração.

EXPLORANDO OS ESTUDOS SOBRE MEMÓRIA E ETNOGRAFIA E IDENTIDADE E ETNOGRAFIA

Para elucidar a distinção desse texto em relação àquilo que tem sido produzido no Brasil, antes mesmo de dedicar atenção à integração entre os conceitos de memória, identidade e etnografia, é importante apresentar os estudos que foram desenvolvidos até hoje, levando em consideração as relações entre “memória e etnografia” e “identidade e etnografia”. Como um dos pontos centrais dos ensinamentos da Neusa para mim estava na prática do trabalho etnográfico, é a partir da etnografia que irei fazer a relação com a memória e com a identidade.

Não são muitos os trabalhos publicados no Brasil que estabelecem essa relação direta entre memória e etnografia. A memória em si surge em vários trabalhos com perfil etnográfico, mas são poucos os trabalhos que exploram, desde o título, a relação entre etnografia e memória. Um desses trabalhos é o de Rocha e Eckert (2001). Essas autoras exploram a relação “espaço-tempo” e elucidam a necessidade de focar em uma etnografia da duração, que vai além das lembranças do passado. Isso porque, reforçam as autoras, as lembranças ou reminiscências só adquirem substâncias quando são temporalizadas. Tendo como base Bachelard, as autoras salientam que a visão sobre uma etnografia da duração mostrará que a memória é resultado de uma hierarquia dos instantes, onde o passado não é antagônico ao presente. Essa constatação está muito próxima à reforçada nesse ensaio.

Outro texto que aparece nessa relação entre etnografia e memória é o de Pereira (2013), que explora, através de um estudo etnográfico, a relação entre pixação, morte e memória. Esse autor, dando luz ao ato pixar na cidade, discute a memória sobre outros pixadores mortos, como um elemento central de respeito ao companheiro falecido. No texto de Pereira (2013) não há uma exploração conceitual sobre memória, mas a descrição das “memórias” dos pixadores. Também, é possível destacar o texto de

Venson e Pedro (2012), que exploram a memória como fonte de pesquisa em história e antropologia. Esse artigo possui uma proximidade muito grande ao que se almeja discutir aqui, pois as autoras elucidam a importância da memória nos estudos e técnicas utilizadas na antropologia. O que difere do que será explorado aqui é que as autoras focam a discussão da memória sobre os pressupostos teóricos de Michel Foucault.

O texto de Leal (2013) trabalha a paisagem etnográfica e a relação entre memória e imagem nas anotações realizadas no caderno de campo. Esse texto é interessante não somente pelas imagens dos gaúchos dos pampas, mas pela centralidade na memória na apropriação do caderno de campo. Ou seja, o etnógrafo revisita o caderno de campo e ativa as memórias daquilo que foi vivenciado, observado, descrito. É essa a defesa feita aqui nesse ensaio, que evidencia a relação entre memória e identidade no desenvolvimento da etnografia. Não apenas a memória do grupo ou comunidade em estudo, mas a memória do pesquisador, para aí sim produzir sua materialização e sistematização da escrita antropológica.

Quando passamos para a relação entre etnografia e identidade, surge uma diversidade grande de temas explorados nos estudos etnográficos. Nada mais justo do que partir de um trabalho da própria Neusa, onde Cavedon *et al.* (2007) discutem a identidade dos bibliófilos num estudo etnográfico realizado em dois sebos de Porto Alegre. Nesse texto, Cavedon *et al.* (2007) explora o consumo como um elemento importante para a construção da identidade dos bibliófilos.

Numa perspectiva diferente, Pérez (2006) relaciona etnografia e identidade a partir do estudo da tatuagem e do indivíduo tatuado. Nessa linha, o autor evidencia que a tatuagem possui um vínculo muito forte com a identidade do indivíduo tatuado. Em uma perspectiva também diferente, Schneider (2004), através da etnografia, constata as possibilidades da existência de uma identidade nacional. O texto integra um elemento

macro, como as questões nacionais, nas perspectivas simbólicas, do nacionalismo e da identificação das comunidades e grupos, brasileira e alemã. Ainda vale destacar o texto de Hikiji (2005) que explora a relação entre música e identidade, através de um estudo etnográfico sobre a performance. Para essa autora, a performance possibilita a transformação e também subsídio para a existência de uma identidade musical.

Esse percurso mostra que as relações entre etnografia e memória e etnografia e identidade surgem de modo diversificado no contexto da antropologia. Ainda que não se tenha trabalhado os conceitos utilizados pelos autores sobre o que é etnografia, memória e identidade, esses conceitos guardam coerências internas que nos permitiu não explorar as diferenças em cada um dos artigos analisados, pois havia semelhanças ou algo comum entre eles. Esse também não era o objetivo nesse percurso e não será, de forma específica, também no decorrer desse ensaio. A falta de um conceito específico pode gerar interpretações diversas, mas talvez seja esse o propósito aqui. Foram essas interpretações diversas que me permitiu a reflexão que está sendo construída aqui. Mesmo assim, não vou me furtar de uma discussão que elucide a diferença entre esses conceitos.

ETNOGRAFIA E A CONSTATAÇÃO DA MEMÓRIA E DA IDENTIDADE

Etnografia não é um conceito controverso na antropologia. É a forma de realizar e desenvolver pesquisa na área. Se é um método ou não, como questionou Mariza Peirano numa conferência na Escola de Antropologia da UFRGS (Peirano, 2014), ainda sim é a forma de fazer pesquisa, que se utiliza de uma diversidade de técnicas de pesquisa, para uma descrição densa (Geertz, 1989) da cultura de determinada localidade, sociedade, grupo social, organização etc. Como salientou a própria Neusa (1999) em um artigo publicado no Encontro da ANPAD, a etnografia surge na área de antropologia social – tendo como precursores Bronislaw Malinowski e Frans Boas – e consiste no levantamento de todas as informações possíveis para descrever a cultura

ou estilo de vida de uma sociedade, comunidade, grupo etc. E como bem a Neusa (1999) salienta no texto, a etnografia não é o trabalho de campo, mas a escrita da cultura ou estilo de vida proveniente das informações adquiridas durante o trabalho de campo. Acredito que essa discussão seja suficiente para o que estou almejando aqui. Não quero tornar complexa essa discussão sobre a etnografia, pois apesar de ser um termo central nesse ensaio, as vertentes, os trajetos, as indagações, podem ser infinitas. Se querem se aprofundar nessa discussão, indico o texto de Silva (2009), que trabalha a convergência do andar, ver e escrever durante a realização do trabalho etnográfico. O que Silva (2009) coloca no texto está coerente ao que já foi dito sobre a etnografia, mas ele procura dar consciência sobre os elementos que integram e tornam possível a realização do trabalho de campo e da etnografia.

E é nesse ponto que conduzo à passagem para a discussão sobre os outros dois termos elucidados nesse ensaio, que são o de memória e o de identidade. Esses foram dois termos controversos dentro dos estudos antropológicos, principalmente o de memória, pois tinham um potencial grande de dissolução das pesquisas etnográficas. Isso porque as técnicas de pesquisa na antropologia diferenciavam das técnicas utilizadas nas ciências da física, química e matemática (as consideradas *Hard Science*). Com isso, técnicas como história oral, diário de campo, entrevistas e observação participante, foram amplamente contestada pelo seu nível de subjetividade. Isso gerava uma contestação sobre a validade e veracidade dos dados ou informações obtidas nas *Soft Science*. Um fato importante é que essas críticas, se não contestadas, foram marginalizadas, e as Ciências Humanas e Sociais puderam se desenvolver, assim como obtiveram seu estatuto de ciência. Mesmo que ainda vistas com restrições pelas *Hard Science*.

Por que essa reflexão é importante? Porque ela permite entender que, apesar das discussões sobre memória e identidade terem sido marginalizadas ou pouco exploradas nos estudos etnográficos, elas sempre estiveram lá. Perpassaram todos os

instrumentos ou técnicas de pesquisa utilizadas no trabalho de campo e na escrita etnográfica. Mesmo quando o etnógrafo escreve sua etnografia, a memória e a identidade do etnógrafo estão presentes. Talvez por isso Geertz (1989) disse que o etnógrafo consegue fazer uma “etnografia de segunda mão”, pois de primeira mão só o indivíduo pertencente ao grupo conseguiria fazer. Essa é a interferência que sofre as informações obtidas no trabalho de campo pelo “olhar” do etnógrafo, que nada mais é do que memória e identidade. Claro que esse “olhar” vai além apenas da memória e identidade, mas ele nunca será desprovido de ambas.

Talvez um dos motivos para o surgimento da *critical ethnography* ou etnografia crítica tenha sido exatamente essa constatação, de que a memória e a identidade, entre outros termos, geram influências decisivas no desenvolvimento do trabalho de campo. Isso porque, além da aproximação da teoria crítica com os estudos etnográficos, a *critical ethnography*, como salienta Madison (2011), procura levar em consideração os valores intrínsecos, não somente da comunidade ou sociedade em estudo, mas do próprio etnógrafo ou pesquisador. Isso permitiu entender e constatar a existência dos preconceitos, das limitações, das relações de poder, das exigências institucionais e acadêmicas que sofrem o etnógrafo ou pesquisador e que interfere de modo decisivo na etnografia feita. Por esse motivo, salienta Madison (2011), é importante momentos de reflexão por parte do etnógrafo ou pesquisador, para distinguir até que ponto as informações são provenientes da imersão em campo e até que ponto é criação ou construção do próprio etnógrafo ou pesquisador. Ora, seria ingênua pensar que na etnografia não há interferência da memória e identidade do etnógrafo ou pesquisador. Mas não é especificamente essa interferência que é o foco nesse ensaio, mas a memória e identidade das pessoas que compõem as comunidades, grupos, organizações etc., em estudo. A intenção foi mostrar essa interferência dúbia da memória e identidade entre os participantes da pesquisa, que inclui o próprio etnógrafo ou pesquisador.

O que antes eram constatações sobre a não validade ou veracidade dos dados e informações gerados nas pesquisas etnográficas passaram a ser elementos integrantes para os diferenciais existentes nessas pesquisas. Mesmo porque se memória e identidade são elementos pertencentes à condição humana e sendo as *Hard Sciences* uma construção ou criação humana, elas também não estão isentas ou destituídas ou mesmo à parte das influências da memória e da identidade. Mas mesmo dentro da própria área de Ciências Humanas e Sociais, aqueles que se aproximaram das técnicas de pesquisa desenvolvidas nas *Hard Sciences*, denunciam as limitações existentes na utilização de técnicas como história oral, entrevistas, diários de campo etc.

Por exemplo, uma técnica de pesquisa muito utilizada nas pesquisas etnográficas é a história oral. De acordo com Thompson (2000), a história oral surgiu em 1948, quando Allan Nevis, professor da Universidade de Columbia nos Estados Unidos, passou a gravar histórias de pessoas importantes na vida americana. De lá para cá a história oral sofreu muitas mudanças e foi utilizada em muitas pesquisas científicas e de diferentes paradigmas. Como salienta Portelli (2000), a história oral tem sofrido várias críticas e uma das mais recorrentes está ligada justamente à memória. Os críticos denunciavam que a memória tinha centralidade na história oral e por isso as pesquisas não eram confiáveis, pois havia os esquecimentos, os lapsos de memória, as imprecisões etc. Além disso, a história oral sofria das simbolizações, das interpretações e formas de enxergar o mundo, que estão ligadas às identidades individuais e culturais dos participantes.

No início, o contra-ataque foi também de denunciar que, por exemplo, haviam limitações nas pesquisas desenvolvidas pelos historiadores documentais, pois os arquivos não estão isentos de erros e a organização e interpretação dos arquivos passam pelo historiador. Depois o que era uma possível desconstrução das técnicas utilizadas nas áreas não ortodoxas das Ciências Humanas e Sociais, passou a ser o diferencial, elucidando a riqueza dos achados de campo, das entrevistas, das histórias

contadas e vividas. Isso permitia ir além da história oficial, pois a riqueza estava justamente em como essa história era apropriada, simbolizada, compreendida etc., pelos participantes da comunidade em estudo.

As limitações e denúncias contra a história oral se assemelham a todas as técnicas de pesquisas que possuem relações direta com a memória e identidade. Assim foi com a observação participante, com o diário de campo, com as entrevistas semi e não estruturadas etc. Mas da mesma forma como ocorreu com a história oral, essas técnicas passaram a ter importância central nas pesquisas em antropologia e sociologia, justamente porque o foco, em grande parte, era o ponto de vista dos participantes da pesquisa.

E neste ponto eu retomo o texto da Neusa (Cavedon, 1999) que trata da etnografia, para elucidar que nas passagens citadas por ela da obra de Malinowski, é possível compreender a irrefutável importância da memória e da identidade na pesquisa etnográfica. Isso porque, na passagem citada pela Neusa (Cavedon, 1999), Malinowski salienta que a validade científica do trabalho etnográfico está na distinção entre os resultados da observação direta e as inferências do autor. Além disso, surge também nessas passagens um aspecto importante, quando Malinowski diz que as informações obtidas em campo pelo etnógrafo não estão incorporadas em documentos, mas no comportamento e memória dos seres humanos. Por tanto, tanto a memória quanto a identidade são bases para os estudos etnográficos, apesar de somente nos últimos anos elas (memória e identidade) terem sido focos de reflexão e discussão nos trabalhos etnográficos, como apresentado anteriormente.

No início do texto de Vezon e Pedro (2012) há a constatação de que memória e identidade são categorias centrais nas Ciências Humanas e Sociais. Essas autoras colocam também que memória e identidade focam a subjetividade humana, que é central nos estudos antropológicos. Essa constatação coloca fim ao empreendido aqui?

Óbvio que não, pois a partir daqui passarei a explorar os meandros dos significados de memória e identidade e concluirei como esse percurso todo se integra à minha vivência com a Neusa.

Transgredindo o que já foi dito sobre a memória e suas limitações, na área de Ciências Humanas e Sociais há uma apropriação particular desse termo. Indo além das concepções psicológicas, onde a memória é vista como repositório das informações e conhecimentos adquiridos (Oliveira, 2007), assim como é utilizada como armazenamento, retenção e recuperação de informações das experiências passadas (Sternberg, 2010), a memória na sociologia e antropologia é vista mais como um enquadramento do que como um conteúdo (Candau, 2016). Essa forma de compreender a memória permite integrar e não excluir os lapsos de memória, os erros, as limitações, pois leva em consideração uma condição temporal, focando mais nos significados atribuídos do que na veracidade das informações. Talvez por isso também que os mitos e os rituais tenham tanto valor para a antropologia, pois elucidam modos de vida, forma de organização social, maneira de compreender o mundo e espaço vivido.

Candau (2016) vai além e diz que memória e identidade são estabelecidas em relações dialéticas e que elas estão indissociavelmente ligadas. Dialética porque a memória ao mesmo tempo que nos modela é modelada por nós, assim como a identidade que ao mesmo tempo em que manifesta uma igualdade a si mesmo permite observar a diferença do Outro. E Candau (2016) salienta ainda que a identidade depende da memória, pois é uma forma humana de reconhecer a si mesmo e a sua história. Portanto, a memória antecede à identidade. Candau (2016) busca subsídios nos trabalhos de Anne Muxel e Maurice Halbwachs para dizer que a memória tanto atua na construção da identidade quanto permite, diante de uma condição coletiva, o sentimento de identidade. Essa última constatação está ligada à Halbwachs que explorou bem o conceito de memória coletiva. Para elucidar a força desse conceito,

Halbwachs (1990) trabalhou com o caso do jovem esquimó que, desprovido de todo quadro coletivo e social, não tinha lembranças, assim como não possuía nenhuma identidade individual e social.

Para finalizar as apropriações feitas das ideias de Candau (2016), esse autor salienta que a memória é a identidade em ação, podendo também ameaçar, perturbar e mesmo arruinar o sentimento de identidade (como, por exemplo, nos casos traumáticos). Mas o que fica claro no percurso realizado por Candau (2016) e que está implícito nas suas discussões é que tanto memória quanto identidade são condições presentes (por isso é mais um enquadramento do que um conteúdo), mas que só são possíveis através do passado, das lembranças, dos esquecimentos. A memória e a identidade do hoje gerarão interferências na condição futura do sujeito, pois os acontecimentos (como nos casos traumáticos) gerarão mudanças na memória (esquecimentos, lembranças) e na identidade (sentimento de continuidade, fragmentação). É por isso que o trabalho etnográfico, mais do que um entendimento do presente é uma compreensão do passado. Mais do que uma representação do presente é uma compreensão das ações através do passado. Por esse motivo a pesquisa etnográfica deve ser longitudinal. O etnógrafo deve permanecer um longo período em campo, para que, em sua busca constante da compreensão do vivido e dos elementos que integram a cultura da comunidade, ele possa ter acesso ao passado (ditos, mitos, rituais, forma de organizar a vida social, etc.), assim como poder ter uma “história” na comunidade, para descrevê-la de forma apropriada. Se não fosse o passado e o tempo de convívio na comunidade, provavelmente o etnógrafo julgaria e teria erros de interpretação, pois compreenderia as ações e formas de vida a partir da sua subjetividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: O MEU AGRADECIMENTO À NEUSA ROLITA CAVEDON

E aqui eu chego ao limiar desse percurso, tentando agora articular o que foi dito com os ensinamentos da Neusa. A minha intimidade em não usar qualquer pronome de

tratamento para referir-se à Neusa, não está numa condição de pessoalidade, mas de intimidade acadêmica. E foi justamente a condição de que a Neusa nunca criou um abismo entre eu e ela, que eu tive tanta intimidade com sua forma de pensar e compreender o mundo. Não é uma condição desrespeitosa não chamá-la de profa. Neusa ou Dra. Neusa, mas de mostrar o nível de humildade intelectual que ela tinha. E se hoje eu teci esse texto com uma discussão que se tornou presente na minha trajetória acadêmica, por mais que nunca sistematizei um texto sobre, devo isso à Neusa.

Muitos podem ler esse ensaio e dizer: “Essa relação é clara, não há nada de novo”. E eu poderia dizer que sim, ela é clara mesmo. Mas isso não significa que ela é clara para todo mundo. Ao torná-la clara para mim, pude perceber a importância do tempo e da duração da etnografia. Até então me questionava sobre o porquê tanto tempo em campo, já que vivemos numa sociedade onde o instante, o aqui-agora, é mais importante. Se isso tivesse sido claro para mim, enquanto estava escrevendo minha tese, talvez teria me apropriado melhor das diversas histórias contadas durante o trabalho de campo. Teria dedicado mais tempo à execução da etnografia, teria ido buscar compreender situações que eu vivenciei e que não estão descritas na minha tese, pois eu não compreendia muito bem porquê elas aconteciam. Isso traria maior complexidade à escrita etnográfica. Apesar dessa compreensão, sei que a tese possui todas as informações necessárias e procurei ser fiel às condições descritas, pois eu só escrevi sobre coisas das quais havia repetições e eu tinha ido buscar os diversos subsídios para a compreensão. Ainda eu tive um limitador, que era o tempo de término do doutorado.

Mas após concluir o doutorado, comecei a perceber que a etnografia não era simplesmente um método de pesquisa, mas uma forma de viver e compreender a condição do Outro. Quando eu li o texto da Mariza Peirano sobre o “método” etnográfico, era sobre isso que ela dizia, ou seja, que apesar da apropriação da

etnografia como “método” utilizado nos estudos antropológicos, ela permite uma compreensão de mundo, uma forma peculiar de questionamento dos imponderáveis da vida cotidiana, dos diversos estranhamentos que passando durante um dia e que sequer paramos para refletir e buscar informações que nos permitam compreender esses questionamentos e estranhamentos. E ela inicia o texto contando sobre os seus diversos estranhamentos durante o seu cadastramento biométrico na justiça eleitoral. E por que esses questionamentos e estranhamentos surgem? Porque nos faltam conhecimentos sobre a história daqueles acontecimentos. Passamos desatentos e desinteressados porque não somos etnógrafos.

E isso ficou claro para mim na minha relação com a Neusa. O meu olhar é outro. O meu tempo para escutar as histórias das pessoas pelos lugares que eu passei é outro. O desenvolvimento de um trabalho etnográfico orientado pela Neusa, além dos diversos textos antropológicos que li durante sua disciplina, permitiu-me um olhar diferente para vida, um olhar diferente para a condição do Outro, um olhar diferente e êmico do grupo ou comunidade ou organização que eu transito e vivo. Por esse motivo, ao visitar uma feira após a realização do meu doutorado, eu passo um longo período conversando e escutando as histórias dos feirantes, por exemplo. E são essas histórias que me permitem compreender a cultura e a identidade desses seres humanos. Essa compreensão da história é que me permite acolher, enquanto ser humano, os diversos indivíduos com os quais me relaciono e convivo. Foi esse acolhimento que eu tive da Neusa. E se hoje essa minha forma de enxergar o mundo é diferente, sou extremamente grato à Neusa. Nós nunca temos total consciência das mudanças que as pessoas causam em nossas vidas, mas se elas são lembradas com gratidão é porque nos tornamos indivíduos melhores. Obrigado, Neusa!

REFERÊNCIAS

Cavedon, Neusa R. (1999). O método etnográfico em estudos sobre a cultura organizacional: implicações positivas e negativas. *Anais do Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração*. Foz do Iguaçu, PR, Brasil, XXIII.

Cavedon, Neusa R., Castilhos, Rodrigo B., Biasotto, Livia D., Caballero, Indira N., & Stefanowski, Fabiana D. L. (2007). Consumo, colecionismo e identidade dos bibliófilos: uma etnografia em dois sebos de Porto Alegre. *Horizontes Antropológicos*, 13(28), 345-371.

Eckert, Cornélia & da Rocha, Ana Luiza C. (2001). Imagens do tempo nos meandros da memória: por uma etnografia da duração. *Iluminuras*, 1(1), 1-13.

Geertz, Clifford (1989). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Halbwachs, Maurice (1990). *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice.

Hikiji, Rose S. G. (2005). Etnografia da performance musical: identidade, alteridade e transformação. *Horizontes Antropológicos*, 11(24), 155-184.

Leal, Ondina M. F. (2013). Paisagem etnográfica: Imagens, inscrições e memória nos cadernos de campo. *Iluminuras*, 14(34), 62-84.

Madison, D. Soyini (2011). *Critical ethnography: method, ethics, and performance*. New York: Sage.

Martin, Joanne & Frost, Peter (2011). The organizational culture war games. In Mary Godwyn & Jody H. Gittel (Eds.) *Sociology of organizations: structures and relationships*. London: Sage.

Oliveira, Alcyr A. (2007). Memória: o que podemos aprender e o que podemos ensinar. In Alcyr A. Oliveira. *Memória cognição e comportamento*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Peirano, Mariza (2014). Etnografia não é método. *Horizontes Antropológicos*, 20(42), 377-391.

Pereira, Alexandre B. (2013). Cidade de riscos: notas etnográficas sobre pixação, adrenalina, morte e memória em São Paulo. *Revista de Antropologia*, 56(1), 81-110.

Pérez, Andreia L. (2006). A identidade à flor da pele: etnografia da prática da tatuagem na contemporaneidade. *Mana*, 12(1), 179-206.

Schneider, Jens (2004). Discursos simbólicos e símbolos discursivos: considerações sobre a etnografia da identidade nacional. *Mana*, 10(1), 97-129.

Silveira, Éder D. S. (2007). História oral e memória: a construção de um perfil de historiador-etnográfico. *MÉTIS: História & Cultura*, 6(12), 35-44.

Sternberg, Robert J. (2010). Memória: modelos e métodos de pesquisa. In Robert J. Sternberg. *Psicologia cognitiva*. São Paulo: Cengage Learning.

Thompson, Alistair (2000). Aos cinquenta anos: uma perspectiva internacional da história oral. In Marieta M. Ferreira, Tania M. Fernandes, & Verena Alberti. *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Fiocruz.

Venson, Anamaria M. & Pedro, Joana M. (2012). Memórias como fonte de pesquisa em história e antropologia. *História Oral*, 15(2), 125-139.

A AUSÊNCIA DO PRESENTE, A PRESENÇA DO PASSADO: MEMÓRIA, IDENTIDADE E ETNOGRAFIA NOS ENSINAMENTOS DE NEUSA ROLITA CAVEDON

Resumo

O objetivo nesse ensaio foi explorar e articular os conceitos de memória, identidade e etnografia, como forma de elucidar as contribuições que essa articulação possui para os estudos em administração. Esse objetivo teve como pressuposto elucidar as contribuições de Neusa Rolita Cavedon para minha vida acadêmica. Para tanto, eu iniciei o ensaio elucidando o papel da Neusa e dos ensinamentos na minha vida acadêmica, que permitiu a construção do ensaio. Após essa introdução, a intenção foi explorar as relações entre etnografia e memória e etnografia e identidade em artigos da área de antropologia. Logo em seguida, o intuito foi desenvolver um texto para elucidar a importância e centralidade da memória e da identidade no desenvolvimento da etnografia. Por fim, eu concluo evidenciando a importância da Neusa para as constatações descritas nesse ensaio, assim como a descrição dos meus mais sinceros agradecimentos por fazer parte da minha vida acadêmica.

Palavras-chave

Etnografia. Memória. Identidade. Neusa Rolita Cavedon.

LA AUSENCIA DEL PRESENTE, LA PRESENCIA DEL PASADO: MEMORIA, IDENTIDAD Y ETNOGRAFÍA EN LAS ENSEÑANZAS DE NEUSA ROLITA CAVEDON.

Resumen

El objetivo de este ensayo fue explorar y articular los conceptos de memoria, identidad y etnografía, como una forma de dilucidar las contribuciones que esta articulación tiene para los estudios en administración. Este objetivo tenía la intención de dilucidar las contribuciones de Neusa Rolita Cavedon a mi vida académica. Con este fin, comencé el ensayo aclarando el papel de Neusa y las enseñanzas en mi vida académica, lo que permitió la construcción del ensayo. Después de esta introducción, la intención era explorar la relación entre etnografía y memoria y etnografía e identidad en artículos de antropología. Poco después, la intención era desarrollar un texto para dilucidar la importancia y centralidad de la memoria y la identidad en el desarrollo de la etnografía. Finalmente, concluyo destacando la importancia de Neusa para los hallazgos descritos en este ensayo, así como la descripción de mi más sincero agradecimiento por ser parte de mi vida académica.

Palabras clave

Etnografía. Memoria. Identidad. Neusa Rolita Cavedon.

THE ABSENCE OF THE PRESENT, THE PRESENCE OF THE PAST: MEMORY, IDENTITY AND ETHNOGRAPHY IN THE TEACHINGS OF NEUSA ROLITA CAVEDON

Abstract

The aim of this essay was to explore and articulate the concepts of memory, identity and ethnography, as a way of elucidating the contributions that this articulation has for studies in administration. This objective was intended to elucidate the contributions of Neusa Rolita Cavedon to my academic life. To this end, I began the essay by elucidating the role of Neusa and the teachings in my academic life, which allowed the construction of the essay. After this introduction, the intention was to explore the relationship between ethnography and memory and ethnography and identity in anthropology articles. Soon after, the intention was to develop a text to elucidate the importance and centrality of memory and identity in the development of ethnography. Finally, I conclude by highlighting the importance of Neusa for the findings described in this essay, as well as the description of my most sincere thanks for being part of my academic life.

Keywords

Ethnography. Memory. Identity. Neusa Rolita Cavedon.

CONTRIBUIÇÃO

Luciano Mendes

Contribuiu com o texto de homenagem à professora Neusa Rolita Cavedon. A contribuição do texto é singular, de autoria única, e reflete os ensinamentos da professora Neusa Rolita Cavedon na orientação da tese e durante a realização do curso de doutorado.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em especial à Escola de Administração (EA), por todo o aprendizado durante a execução do curso de doutorado.

DECLARAÇÃO DE INEDITISMO

O autor declara que a contribuição é inédita.

CONFLITO DE INTERESSES

O autor declara não haver conflito de interesses.

COMO CITAR ESTA CONTRIBUIÇÃO

Mendes, Luciano (2019). A ausência do presente, a presença do passado: memória, identidade e etnografia nos ensinamentos de Neusa Rolita Cavedon. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 6(17), 942-963.